

Microeconomia Ambiental: Propostas de Aplicação de Fundamentos Microeconômicos na Gestão Ambiental das Organizações

Pedro dos Santos Portugal Júnior^a, Nilton dos Santos Portugal^b

^a Economista, especialista em gestão de negócios e mestrando em desenvolvimento econômico pelo Instituto de Economia da Unicamp. Professor de graduação e MBA do Centro Universitário do Sul de Minas UNIS MG.

^b Administrador, MBA em finanças, mestre e doutorando em administração pela UFLA. Professor de graduação e MBA e coordenador geral de cursos presenciais do Centro Universitário do Sul de Minas UNIS MG.

Palavras-chave:

Gestão ambiental.
Microeconomia.
Sustentabilidade.

Resumo

A pesquisa que se segue objetiva apresentar certos fundamentos da microeconomia passíveis de aplicação e análise na gestão ambiental das empresas. Inicialmente é realizada uma revisão sobre os conceitos e fundamentos microeconômicos como a curva de possibilidade de produção, custos de poluição e de controle, benefícios e custos totais e marginais; sendo, posteriormente, abordadas suas possíveis influências, inclusive com exercícios hipotéticos para compreensão da aplicabilidade dos fundamentos. As ferramentas aqui abordadas são consideradas sob o aspecto teórico, mas permitindo uma posterior aplicação nos processos gerenciais, na busca por tecnologias produtivas verdes e por certificações específicas. A pesquisa utiliza como metodologia o método dedutivo, buscando da teoria geral da microeconomia uma aplicação específica na gestão ambiental; e como procedimento técnico a pesquisa bibliográfica. Verifica-se assim a consolidação da aplicabilidade da teoria microeconômica nos aspectos da gestão ambiental empresarial, principalmente pelo fato de que a questão ambiental atualmente influencia diretamente o planejamento estratégico das organizações.

Key words:

Environmental management.
Microeconomic.
Sustainability.

Abstract

The research that follows aims to present certain fundamentals of the microeconomic of application and analysis in the environmental management of the companies. Initially a revision on the microeconomic concepts and beddings is carried through as the curve of production possibility, total costs of pollution and control, benefits and costs and delinquents being, later, broached its possible influences, also with hypothetical exercises for understanding the applicability of the beddings. The tools broached here are considered under the theoretical aspect, but allowing a posterior application in the management process, in the search for green productive technologies and specific certifications. The research uses as methodology the deductive method, searching for general theory of the microeconomic a specific application in the environmental management; and as procedure technician the bibliographical research. The consolidation of the applicability of the microeconomic theory in the aspects of the enterprise environmental management is verified thus, mainly for the fact that the environmental question currently influences directly the strategic planning of the organizations.

1 INTRODUÇÃO

A questão ambiental, já há algum tempo, passou a fazer parte do cotidiano gerencial das empresas. O desenvolvimento sustentável tomou o lugar do crescimento econômico e da simples expansão da produção, não sendo apenas mais um “modismo”, mas uma necessidade *sine qua non* para a continuação da vida no planeta.

A noção de que o ser humano e suas atividades econômicas são os personagens principais do mundo está descartada. O que se toma como verdade neste início de século XXI é que ambos, ser humano e empresas, nada mais são que simples componentes de um sistema muito maior e complexo que necessita de equilíbrio para que possa continuar existindo.

A variável ambiental passou a fazer parte dos processos decisórios das organizações e sua gestão é imprescindível para a manutenção e continuidade dos negócios.

Não se trata de impedir o progresso econômico, mas realizá-lo de uma forma que, segundo Donaire (1999, p. 28), “possibilita, ao mesmo tempo, eficácia e eficiência na atividade econômica e mantém a diversidade e a estabilidade do meio ambiente”.

Baseado neste contexto, nota-se que a empresa tem um papel fundamental na incorporação da questão ambiental ao processo produtivo, haja visto que a produção é a peça chave da economia. Isso deve ocorrer pelo fato de que o consumo e, principalmente, o processo produtivo causam impactos denominados externalidades negativas que, segundo Chen (2007), consistem em efeitos indiretos provocados por um agente econômico a

terceiros que não são mensurados pelo mecanismo de preço do mercado.

O fato de existirem essas externalidades negativas provocou uma mudança de paradigma na sociedade capitalista com relação à busca de uma manutenção do sistema sem impactos destrutivos sobre o meio ambiente. Isto ocorre, como explica Motta (2006, p. 182), pelo fato de que “na presença de externalidades, os cálculos privados de custos ou benefícios diferem dos custos ou benefícios da sociedade”.

Por isso, torna-se importante analisar e discutir teorias econômicas, principalmente da microeconomia, e adaptá-las como base para o processo decisório empresarial. Pois, conforme Seiffert (1996), os problemas de alteração ambiental podem ser abordados quantitativamente de modo concreto no nível de microeconomia.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é focar a teoria microeconômica no processo de gestão ambiental. Especificamente, objetiva-se revisar tópicos da microeconomia que se relacionam com a questão ambiental, bem como, analisar como eles podem influenciar na tomada de decisão da gestão ambiental na empresa.

Parte-se, portanto, do seguinte questionamento: quais os principais fundamentos microeconômicos que podem influenciar a gestão ambiental?

Para proceder tal pesquisa e cumprir com os objetivos estabelecidos para este artigo utilizou-se do método dedutivo, que conforme Munhoz (1989, p. 24), consiste em “[...] um caminho de investigação que implicitamente admite para casos particulares a validade de conclusões geradas a

partir de regras de comportamento mais gerais, ou de verdades estabelecidas”, com o intuito de demonstrar a possibilidade de aplicação de determinados fundamentos estabelecidos pela teoria microeconômica ao processo de gestão ambiental nas empresas.

Como procedimento técnico de pesquisa foi utilizado a pesquisa bibliográfica, que, para Gil (1991), é elaborada a partir de material já publicado, principalmente de livros, artigos de periódicos, revistas especializadas e sites de internet

1. Revisão bibliográfica

Antes de adentrar nos fundamentos microeconômicos e analisar suas relações com o processo de gestão ambiental torna-se importante abordar a própria microeconomia e seu lugar de pertinência no contexto maior da economia, bem como sua evolução de abordagem.

Segundo Rossetti (2003), a economia é a ciência que estuda a relação entre as necessidades ilimitadas dos agentes, e os recursos, por sua vez limitados, utilizados para atender essas necessidades. Sendo que sua compartimentalização pode ser estabelecida da seguinte forma:

- Economia Descritiva;
- Teoria Econômica;
- Política Econômica.

A teoria econômica é subdividida em duas grandes áreas: Microeconomia e Macroeconomia. Tendo esta bifurcação da teoria surgida, conforme Garófalo (1998), nos primórdios da década de 1930.

Pindyck e Rubinfeld (2005) e Mansfield e Yohe (2006) afirmam que a microeconomia trata do comportamento das unidades econômicas individualizadas e tomadoras de decisão, sendo que tais unidades abrangem os consumidores, empresas, investidores, proprietários de fatores de produção, dentre outros. A ocupação principal desta área da teoria econômica é o estudo do agente econômico individualmente considerado.

De uma forma geral, consideram-se os agentes famílias como os responsáveis pela demanda de bens e serviços e os agentes empresas que respondem pela oferta dos mesmos. Soma-se a eles o agente governo, que pode tanto demandar como ofertar produtos dentro do ambiente econômico. Estes agentes interagem-se de forma efetiva e potencial em um ente maior denominado mercado.

1.1 As abordagens da Microeconomia tradicional e da Microeconomia ambiental

Dentro da contextualização de análise da teoria da empresa, a microeconomia evoluiu, no que tange seus objetivos, em duas abordagens: tradicional e ambiental.

Quando se trata da abordagem tradicional duas correntes surgem com diferentes interpretações.

Vasconcellos e Garcia (2005, p. 33) indicam que a primeira “supõe o princípio de racionalidade, segundo o qual o empresário sempre busca a maximização do lucro total, otimizando a utilização dos recursos de que dispõe”, apoiando-se, para isso, na teoria marginalista.

A outra corrente baseia-se, conforme Rossetti (2003), no conceito da moderna teoria da empresa, fruto de evoluções como as teorias de Scitovski e Baumol, que afirmam que o objetivo principal da empresa pode ser outros, que não a maximização do lucro total, como por exemplo: o aumento da participação de mercado, maximização da receita total, aumento da produção, dentre outros.

Porém, atualmente, a evolução da questão ambiental e suas implicações nos processos de tomada de decisão e produção da empresa, permitiram o surgimento de uma nova abordagem da teoria microeconômica: a microeconomia ambiental. Reconhecendo assim, que o fator recursos naturais não é infinito, mas está constantemente sendo esgotado, verifica-se que o processo de produção deve levar em conta a capacidade de carga do planeta.

Essa nova abordagem, segundo César (2008), aponta questões analíticas importantes como:

- Mensuração de custos e benefícios externos: estimativa de dano ambiental, custos de mitigação, internalização das externalidades negativas, etc.
- Valoração dos recursos naturais e do meio ambiente como bens, seja de propriedade privada ou pública: alocação intertemporal de recursos, estimativa de benefícios e custos ao longo do tempo.
- Criação de regras e direitos de propriedade, apropriada para os recursos ambientais e estabelecimento de normas para uso de recursos de propriedade comum e para provisão de bens públicos: modelo de gestão da pesca e florestas, gestão de reservas naturais, etc.
- Balanço dos custos e benefícios por meio

de alguma forma de análise custo/benefício na tomada de decisão sobre: construção de resorts, hidroelétricas, parques eólicos, valores de não-mercado de beleza natural e biodiversidade.

Trata-se, portanto, de incorporar a variável ambiental na modelagem e análise microeconômica da teoria da empresa. Com isso, as decisões serão tomadas dentro de um contexto de racionalidade de mercado sem isolar o meio ambiente e os recursos naturais. Para isso, devem-se utilizar certos fundamentos microeconômicos básicos.

1.2 Fundamentos da teoria microeconômica

Dentre os inúmeros fundamentos básicos da teoria microeconômica, a presente pesquisa aborda aqueles que podem apresentar uma relação direta e específica com o processo decisório de gestão ambiental. Aqui eles serão explicitados de uma maneira teórica, sendo que no capítulo 2 serão abordadas suas possíveis aplicações.

1.2.1 Curva de possibilidade de produção

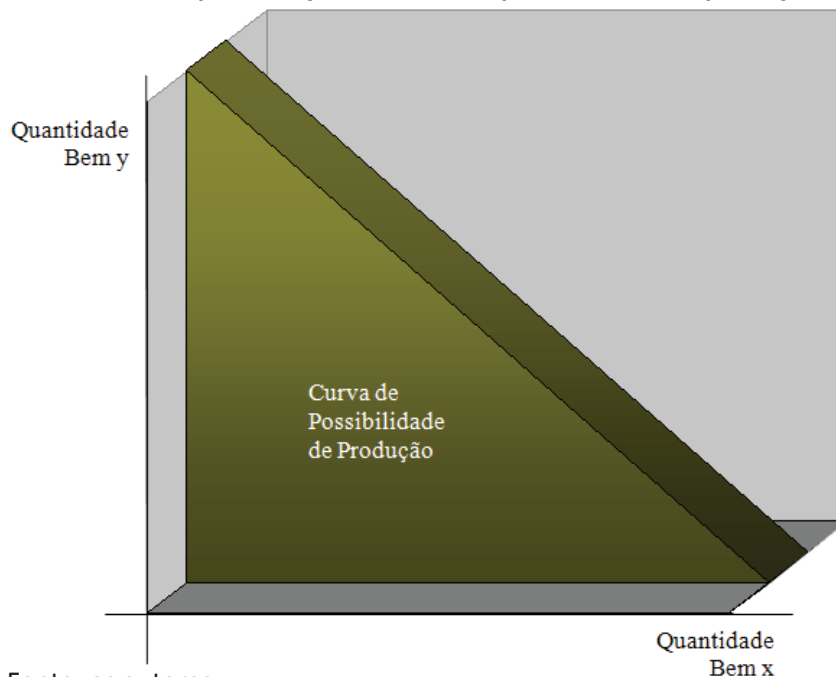
Consiste, segundo Vasconcellos e Garcia (2005, p. 4), “na expressão da capacidade máxima de produção da sociedade, supondo pleno emprego dos recursos ou fatores de produção de que se dispõe em dado momento no tempo”. Trata-se de um conceito teórico que demonstra como a escassez de recursos impõe limite para a capacidade de produção.

Portanto, a empresa possui um limite máximo conhecido como produção potencial ou potencial produtivo, quando todos os fatores de produção utilizados não apresentam capacidade ociosa. Importante salientar que os fatores de produção são: Recursos Naturais (RN), Trabalho (T), Capital (K), Inovações Tecnológicas (S) e Empreendedorismo (E).

Entende-se a curva de possibilidade de produção também como uma representação das combinações possíveis da produção de duas categorias de bens e serviços.

O gráfico 1 apresenta uma representação gráfica da curva de possibilidade de produção, com base em dois bens hipotéticos x e y.

Gráfico 1. Representação da curva de possibilidade de produção



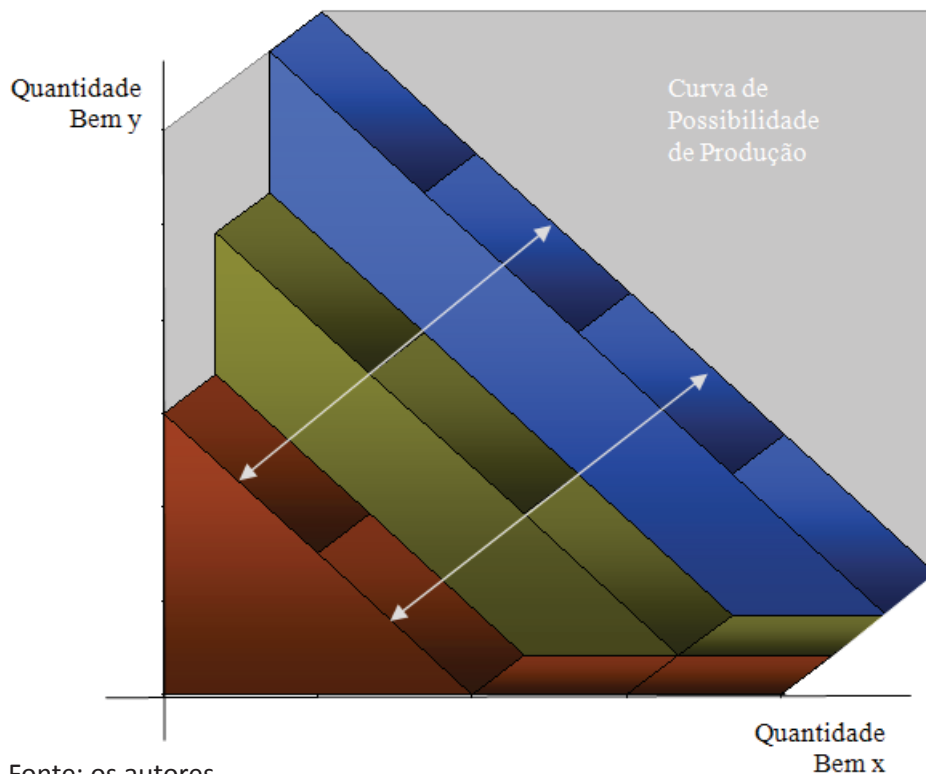
Fonte: os autores

A curva de possibilidade de produção pode apresentar deslocamentos para a direita indicando, neste caso, que a economia está crescendo, ou seja, há um aumento do potencial produtivo e das combinações de produção. Vasconcellos e Garcia (2005) afirmam que isto pode ocorrer em função do aumento da quantidade física dos fatores de produção e também no caso de melhoria no

aproveitamento dos fatores já existentes, devido à ação do fator inovações tecnológicas.

Porém, a curva também pode apresentar deslocamentos para a esquerda indicando uma diminuição da produção potencial e das possibilidades de combinações produtivas. O gráfico 2 demonstra estes possíveis deslocamentos.

Gráfico 2. Representação do deslocamento da curva de possibilidade de produção.



Fonte: os autores

1.2.2 Análise dos custos e benefícios sociais

A relação entre custo e benefício do processo de produção é um importante fundamento microeconômico, principalmente quando se expande do âmbito privado para o social.

A ótica privada é aquela que aborda apenas os custos e benefícios do ponto de vista do produtor, sem considerar o que ocorreu em termos sociais em seu processo produtivo.

Mansfield e Yohe (2006) indicam que o custo e o benefício social de produzir uma mercadoria podem nem sempre ser idênticos ao custo e benefício privado (aquele incorrido pelo produtor).

Motta (1990, p. 115) afirma que a divergência entre as análises privadas e sociais “faz com que uma

avaliação dos custos e benefícios de uma decisão de investimentos em termos privados não represente a variação de bem estar sob o ponto de vista da sociedade como um todo”.

Comune (1993) explica que deve-se determinar se o custo da alteração ambiental é maior ou menor que o benefício advindo desta alteração, sendo esta uma importante questão que a teoria microeconômica pode colaborar na solução.

Para realizar esta análise deve-se considerar a análise do custo marginal social (CMgS) e do benefício marginal social (BMgS).

Pindyck e Runbinfeld (2005) explicam estas duas questões:

- Custo Marginal Social: seria a soma do custo marginal privado (específico do produtor) com o custo marginal externo (imposto à sociedade como

um todo), verificado na produção de uma unidade a mais.

- **Benefício Marginal Social:** aquele oriundo da soma entre o benefício marginal privado (auferido pelo produtor) e o benefício marginal externo (recebido pela sociedade como um todo) advindo de uma unidade a mais produzida.

O método de confrontação do Benefício Marginal Social com o Custo Marginal Social (a ser apresentado no capítulo 2) é uma ferramenta que pode ser utilizada na tomada de decisão por parte da empresa, que utiliza este fundamento microeconômico. Sua aplicação consiste em verificar em qual ponto de utilização dos recursos naturais ocorreria o nível ótimo sob o ponto de visto social e não apenas privado, interligando esta análise com o benefício total recebido pela sociedade.

Para esta aplicação torna-se necessário considerar a estrutura de medidas na análise de custo e benefício conforme é explicitado por Hamley e Spash (1993):

- Definição do projeto a ser analisado;
- Identificação dos impactos economicamente relevantes;
- Quantificação física do impacto;
- Cálculo do seu valor monetário;
- Determinação do valor presente através do desconto dos valores futuros;
- Ponderação dos resultados;
- Análise.

1.2.3 Confrontação entre custos de poluição e de controle

A análise microeconômica, ainda no âmbito da questão dos custos sociais e privados, confronta os custos relativos de emissão e redução das poluições. A teoria desta confrontação torna-se básica nos processos decisórios das empresas para aplicação de projetos de controle ambiental e verificação da viabilidade dos mesmos.

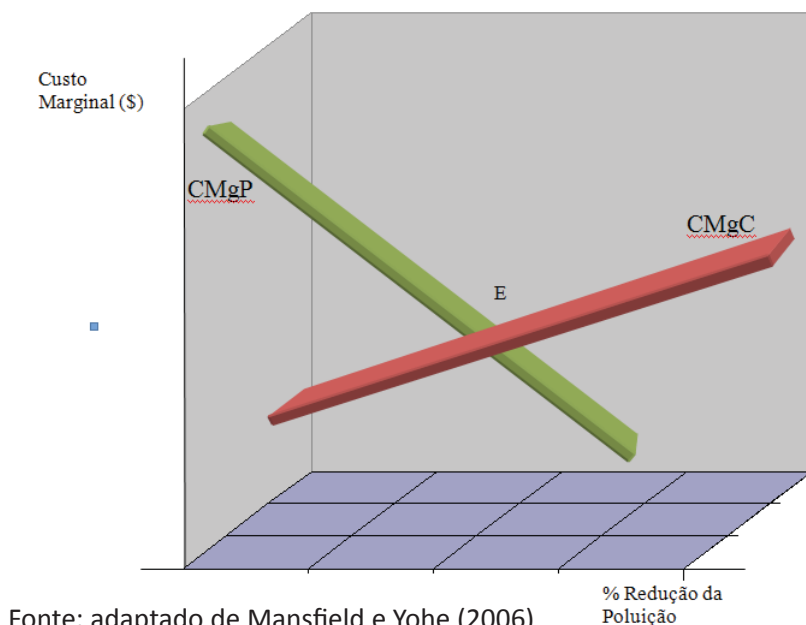
Para a realização desta análise deve-se valorar dois tipos de custos: Custo Marginal Social da Emissão de Poluentes ou Custo Marginal da Poluição (CMgP) e o Custo Marginal do Controle da Poluição (CMgC).

Pindyck e Rubinfeld (2007) afirmam que o CMgP indica o aumento dos prejuízos sociais das emissões de poluentes, ou seja, seus impactos na saúde da sociedade e danos econômicos aos recursos naturais. Enquanto que o CMgC é aquele custo adicional que a empresa tem para instalar equipamentos de controle de poluição, como por exemplo, a instalação de um depurador de fumaça nas chaminés da empresa.

Mansfield e Yohe (2006) representam graficamente estes dois custos, demonstrando qual o nível ótimo de redução da poluição, exatamente onde as curvas do CMgP e do CMgC se igualam. Importante notar que este ponto ótimo não é no nível em que se elimina toda poluição, pois isso significaria o próprio fim do processo produtivo.

O gráfico 3 ilustra este caso do ponto ótimo em termos de custos da poluição.

Gráfico 3. Custos de poluição x Custos de controle



Neste gráfico verifica-se que o ponto ótimo em relação aos custos oriundos da poluição encontra-se no ponto E, onde ocorre a interseção das curvas de Custo Marginal de Controle (CMgC) e de Custo Marginal de Poluição (CMgP), indicando a porcentagem de redução da poluição que será interessante, tanto no ponto de vista dos custos privados, quanto dos custos sociais. Este ponto de minimização também pode ser demonstrado conforme a equação 1.

$$CMgP = CMgC \quad (1)$$

Os fundamentos microeconômicos, tratados neste capítulo revisional, serão vistos no próximo sob a ótica de suas influências na tomada de decisão da gestão ambiental.

2. Influências da microeconomia na gestão ambiental

Este capítulo apresenta as possibilidades de aplicação das questões da teoria microeconômica no contexto da gestão ambiental na empresa. Essas aplicações são apresentadas sob enfoque teórico, porém com possibilidade de serem colocadas em prática nos processos de tomada de decisão.

Para Donaire (1999), a incorporação da variável ambiental na prospecção de negócios pelas organizações é uma realidade sobre a qual as empresas devem manter atenção especial, além de ser uma maneira de demonstrar uma postura responsável sobre a questão do meio ambiente.

Portanto, as empresas devem utilizar mecanismos específicos para essas análises, sendo que os fundamentos microeconômicos apresentados servem de base para estes mecanismos.

2.1 Valoração ambiental pela curva de possibilidade de produção

Pesquisas recentes buscam estabelecer formas de atribuir ou mensurar as perdas que o meio ambiente sofre devido às degradações realizadas principalmente pelo setor produtivo. Essa atribuição de valores tem por principal objetivo servir de base para comparações da depleção entre diferentes processos de produção e também para que os gestores possam verificar a magnitude do impacto

das ações produtivas no meio ambiente.

A importância dada a este tema é apresentada por Gonçalves (2006, p. 31) “a necessidade de se valorar os impactos ambientais, independente da técnica utilizada, visa garantir recursos naturais para as gerações futuras, fato denominado desenvolvimento sustentável, que se tornou uma das prioridades mundiais”. Ou seja, o nível de produção deve ser definido de acordo com a capacidade de suporte dos ecossistemas.

Nogueira et. al. (1998) afirmam que a valoração econômica é o último passo da análise, antes deve ser realizado uma medição dos efeitos físicos, químicos e biológicos das atividades e das perdas.

Uma técnica de se valorar economicamente as perdas ambientais, baseada na teoria microeconômica, seria através da utilização da curva de possibilidade de produção. Conforme visto no subcapítulo 1.2.1, esta curva demonstra a capacidade máxima de produção de uma sociedade ou de uma empresa e seu deslocamento ocorre através do aumento da dotação de fatores e da ação das inovações tecnológicas. Porém o fator Recursos Naturais quando sofre perdas e degradações diminui sua disponibilidade e, conseqüentemente, seu potencial no processo produtivo também irá diminuir, não apenas de maneira direta, mas também de maneira indireta.

Este impacto será determinado pela elasticidade fator-produto, que demonstra a relação incremental entre a variação percentual do fator de produção ($\Delta\%F$) e seu impacto na variação percentual da quantidade de produção ($\Delta\%QP$).

$$\varepsilon_{y/F} = \Delta\%QP / \Delta\%F \quad (2)$$

Sendo

- > 1 a quantidade produzida é elástica ao fator;
- = 1 a elasticidade é unitária;
- < 1 a quantidade produzida é inelástica ao fator.

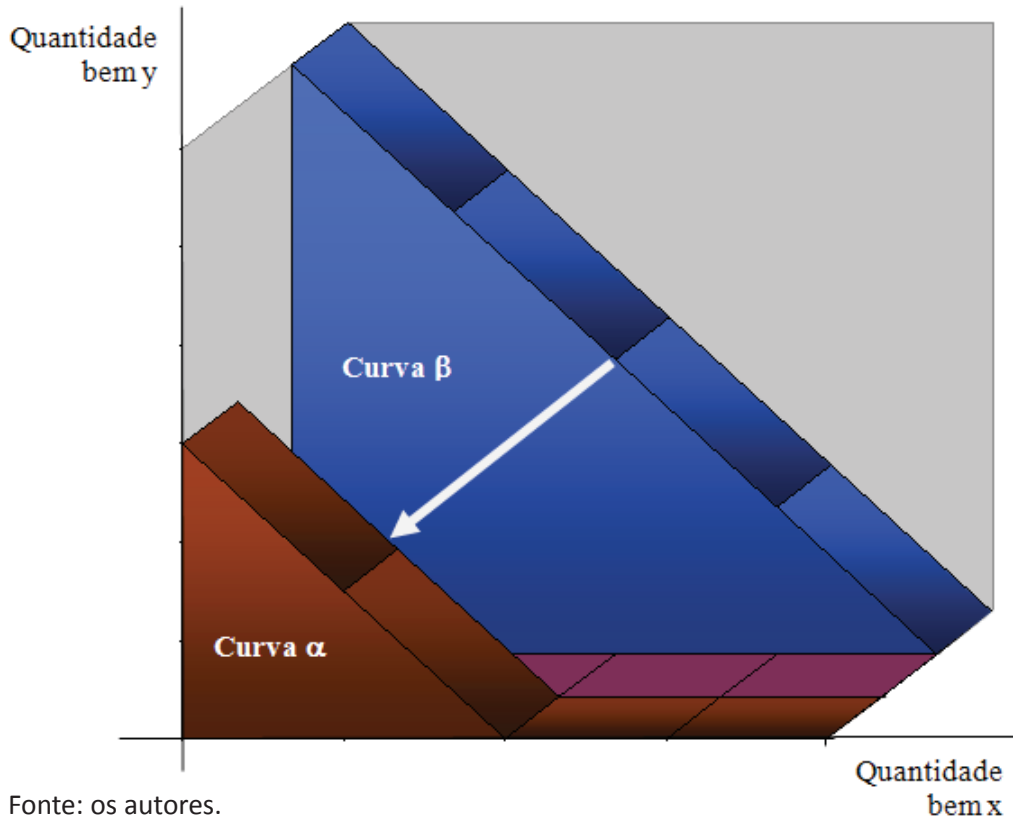
Produtos que têm suas quantidades produzidas elásticas às variações do fator Recursos Naturais tendem a ter um impacto maior em sua curva de possibilidade de produção devido à degradação ambiental.

Partindo dessa consideração e sendo possível a demonstração do potencial produtivo da empresa por meio da curva de possibilidade de produção, a diminuição do fator Recursos Naturais poderia ser mensurada de duas formas:

- a) Por meio de uma diminuição da curva de

possibilidade de produção, ocorrendo um deslocamento da curva para a esquerda, sendo esta diminuição ocasionada por perdas ambientais, ou seja, diminuição do potencial produtivo do fator Recursos Naturais utilizado pela empresa. O gráfico 4 demonstra este caso.

Gráfico 4. Deslocamento da curva de possibilidade de produção.



Fonte: os autores.

Neste caso, ocorre um déficit produtivo ocasionado por uma diminuição do fator recursos naturais (RN), devido às perdas ou degradações ambientais, em uma proporção maior que a variação positiva dos fatores capital (K), trabalho (T) mesmo influenciados diretamente pelas inovações tecnológicas (S), conforme pode ser apresentado no modelo abaixo:

$$\Delta RN) > (+\Delta K + \Delta T) \Delta S \quad (3)$$

Utilizando de um exemplo hipotético pode-se ilustrar o uso da curva: imaginando que a curva β apresente como seus extremos 20 unidades do bem x cujo preço unitário seja \$10,00 e 30 unidades do bem y cujo preço unitário é \$5,00; e a curva α com extremos de 15 unidades do bem x e 26 unidades do bem y, considerando o mesmo preço para ambos os bens evitando a ação da inflação do período. Com estes dados pode-se calcular o déficit produtivo da seguinte forma:

$$\beta - \alpha = [(\Delta Q_x) \cdot P_x] + [(\Delta Q_y) \cdot P_y] \quad (4)$$

Sendo Qx: quantidade de bem x, Px: o preço unitário do bem x, Qy: a quantidade de bem y e Py: o preço unitário do bem y.

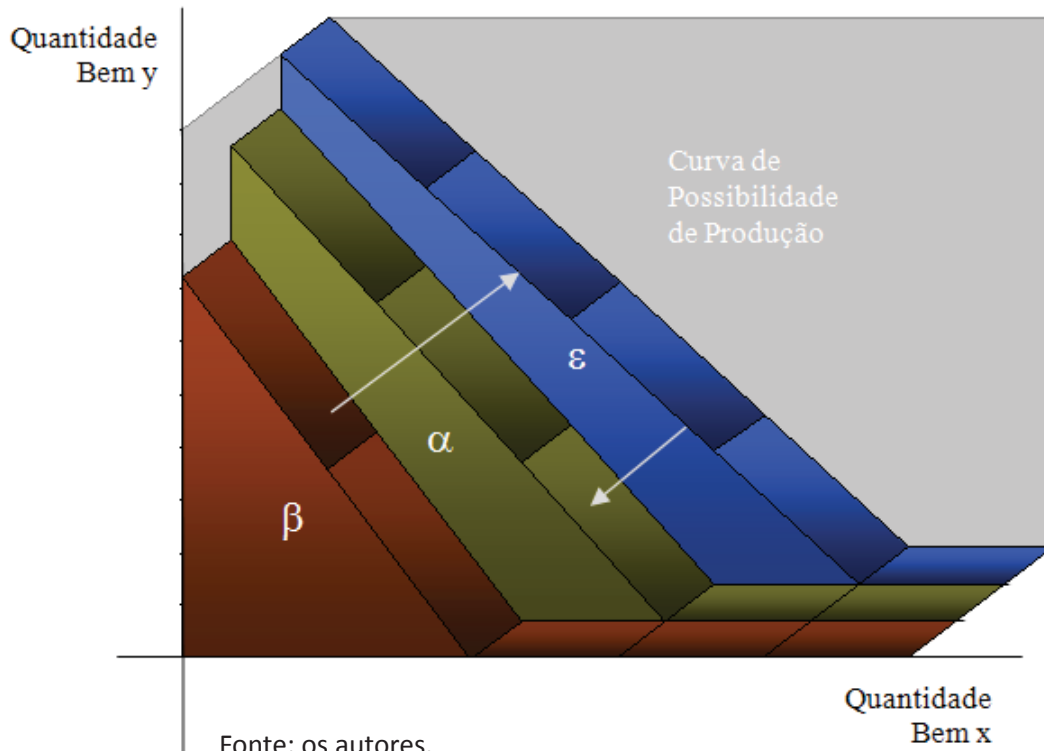
$$\text{Com isso o cálculo apresentaria a seguinte forma:} \\ [(20 - 15) \cdot 10,00] + [(30 - 26) \cdot 5,00] = [5 \cdot 10,00] + [4 \cdot 5,00] = 50,00 + 20,00$$

$$\beta - \alpha = \$70,00$$

Este resultado do exemplo hipotético mostra o impacto na produção causado pelas perdas ambientais, ou seja, uma forma de **valorar estas perdas**, que causaram um déficit produtivo no valor de \$70,00.

b) A outra forma de mensuração seria quando ocorre um crescimento da produção, ou seja, um deslocamento da curva de possibilidade de produção para a direita, mas este deslocamento é menor do que o previsto devido às perdas ambientais.

Gráfico 5. Deslocamentos da curva de possibilidade de produção.



Isto deve ao fato de que a variação positiva dos fatores capital (K) e trabalho (T), influenciados pelas inovações tecnológicas (S), ocorre em uma proporção maior que a variação negativa do fator recursos naturais (RN), conforme demonstrado pelo modelo:

$$(-\Delta RN) < (+\Delta K + \Delta T) \Delta S \quad (5)$$

Porém como ocorrem perdas ambientais (afetando o fator recursos naturais) o crescimento da produção não atinge o potencial produtivo representado pela curva ϵ (fruto do crescimento dos demais fatores e representado pelo deslocamento de β para ϵ) mas sim ocorre uma retração do crescimento constituindo assim uma capacidade efetiva de produção representada no gráfico pela curva α (deslocamento da curva ϵ para α).

Neste caso, as perdas ambientais podem ser valoradas pelo diferencial entre o potencial produtivo e a capacidade efetiva de produção, ou seja, a diferença entre as curvas ϵ e α utilizando para isso o mesmo procedimento de cálculo do caso (a) deste capítulo.

Utilizando de um exemplo hipotético imagina-se que a curva ϵ apresente como extremos 50 unidades do bem x ao preço unitário de \$8,00 e 30 unidades

do bem y ao preço unitário de \$6,00; já a curva α tem por extremos 44 unidades de bem x e 28 unidades de bem y, mantidos os mesmos preços unitários. Sendo assim a valoração das perdas ambientais apresenta o seguinte cálculo:

$$\begin{aligned} [(50 - 44) \cdot 8,00] + [(30 - 28) \cdot 6,00] &= [6 \cdot 8,00] + \\ & [2 \cdot 6,00] = 48,00 + 12,00 \\ \epsilon - \alpha &= \$60,00 \end{aligned}$$

Portanto, a diferença entre o potencial produtivo e a capacidade efetiva de produção, que representa o valor das perdas ambientais, é de \$60,00.

Estes casos estudados e exemplificados de maneira hipotética podem ser aplicados a nível prático quando a empresa deseja mensurar as perdas ambientais provocadas, com base no impacto no seu processo produtivo, seja diminuindo a quantidade produzida de seus bens ou fazendo com que haja diferença entre o potencial produtivo e a capacidade efetiva de produção.

Com isso os gestores podem tomar a decisão de investir na mitigação dos impactos ambientais causados pela empresa até o ponto em que estes diminuam sua capacidade produtiva, a fim de recuperar o potencial de produção perdido.

2.2 Confrontação entre BMgS e CMgS

Este método apresenta a confrontação entre Custo Marginal Social (CMgS) e Benefício Marginal Social (BMgS), e ainda propõe apresentar o reflexo no benefício total que a sociedade obtém na utilização dos recursos naturais. Portanto, usa-se o conceito de marginal a fim de demonstrar a partir de que ponto o benefício total apresenta mudanças e como ocorre essa influência.

A utilização e análise deste método devem ser realizadas a partir da construção de dois gráficos interligados que demonstram as evoluções do CMgS e BMgS e os impactos no benefício total advindos da utilização dos recursos naturais.

Os gráficos 6 e 7 ilustram a utilização do método de confrontação BMgS e CMgS.

Gráfico 6. Evolução do CMgS e BMgS

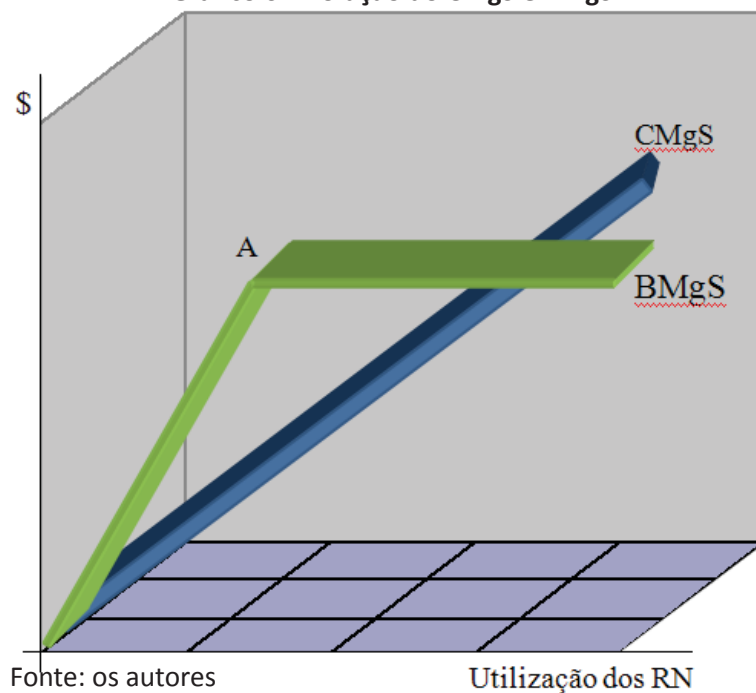
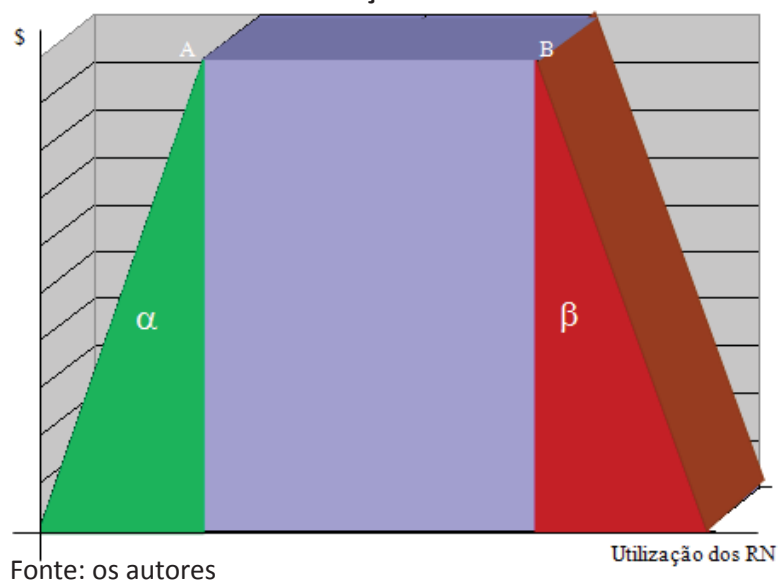


Gráfico 7. Evolução do Benefício Total



Nos gráficos 6 e 7 demonstra-se a aplicabilidade do método, cabendo agora analisá-lo em relação as seus pontos principais e respectivos significados:

- O gráfico 6 representa a evolução do BMgS e CMgS, onde no ponto A ocorre uma inflexão na evolução do BMgS determinando o nível de saturação dos benefícios advindos da utilização dos recursos naturais, pois a partir deste ponto a utilização de uma unidade adicional de RN não implicará em aumento do benefício social. O ponto B representa uma questão importante, pois a partir deste ponto o CMgS passa a ser maior que o BMgS, acima deste nível de utilização de RN o custo de uma unidade a mais será maior que o benefício recebido (que neste ponto já está saturado). Este ponto B representa o último nível em que se poderá utilizar o recurso natural.

- O gráfico 7 em continuidade demonstra o comportamento e evolução do benefício total advindo da utilização de RN em paralelo à evolução dos CMgS e BMgS do mesmo. O ponto A (no mesmo nível do ponto A do gráfico 6) representa o ponto de melhor utilização dos recursos naturais, pois até nele o benefício total é crescente devido ao nível crescente do BMgS. A partir deste ponto A e até que o CMgS passe o BMgS no ponto B o benefício total permanecerá constante. O espaço representado por \square representa o melhor nível de utilização dos recursos naturais. A partir do ponto B (no mesmo nível do ponto B do gráfico 6) o benefício total passa a ser decrescente pois o CMgS passa a ser maior que o BMgS da utilização de RN. Portanto, o nível \square representa o reflexo maior das perdas ambientais e utilização desenfreada e não sustentável de RN.

O uso deste método justifica-se com base na afirmação de Motta (2006), pois quando a disponibilidade de um bem ou serviço ambiental derivado de um recurso ambiental é alterada, a valoração dessa variação deverá, então, mensurar as variações de bem-estar em que esta alteração de disponibilidade resultou. Entende-se por variações de bem-estar o benefício que a sociedade recebe deste processo de produção.

Por meio dessa abordagem, verifica-se que a alocação de recursos pelas empresas deve ser orientada levando-se em consideração os benefícios e os custos sociais em vez de apenas seus valores privados.

Portanto, a sociedade não estaria sofrendo conseqüências graves da utilização desenfreada dos recursos naturais até o ponto em que o $CMgS = BMgS$, indicando assim o nível ótimo microeconômico do processo produtivo.

3. Aplicações Empíricas

Neste capítulo busca-se exemplificar a aplicação dos fundamentos microeconômicos apresentados na gestão ambiental de organizações.

A valoração ambiental pela curva de possibilidade de produção ainda não possui uma aplicação empírica pelo fato de que seu desenvolvimento foi realizado pelos autores deste artigo, estando ainda em processo de análise e aplicação em casos reais de empresas. Porém, isso não impede a sua apresentação como proposta teórica a ser avaliada, pois para Macedo (2002), a maior dificuldade na aplicação do instrumental da economia do meio ambiente está na mensuração monetária dos danos ambientais causados pelo processo produtivo.

A confrontação do BMgS e CMgS já possui exemplos de aplicações empíricas. Donaire (1999) cita o exemplo da empresa Arafertil S.A. que implantou seu Plano Diretor Ambiental onde consta: levantamento dos custos envolvidos com a questão ambiental no processo produtivo e sua incorporação nos custos dos produtos, permitindo uma alocação orçamentária com ênfase **institucional/social** e não apenas **privada/individual**. Percebe-se neste caso a abordagem do conceito social na análise de benefícios e, principalmente, de custos.

Outra evidência da aplicação deste fundamento microeconômico reside no levantamento de passivos ambientais de empresas. Segundo Andreoli (2009), um dos principais custos que compõe o passivo ambiental de uma organização são os dispêndios necessários à recuperação das áreas degradadas e indenização à população afetada. O que demonstra a aplicação da confrontação entre BMgS e CMgS e da consideração dos custos de controle e de poluição.

O mesmo autor afirma que o levantamento de passivos ambientais sob a ótica social, e não apenas privada, é muito comum em processos de fusão, aquisição, incorporação, compra e venda de empresas; além de ser exigido em processos de liberação de linhas de crédito.

Considerações Finais

Esta pesquisa teve por intuito apresentar os principais fundamentos da teoria microeconômica e suas relações com o processo de gestão ambiental na empresa, como uma forma de consolidar a análise da microeconomia ambiental. Objetivou-se especificar instrumentos, advindos desta teoria, que permitem a tomada de decisão considerando os impactos ambientais da produção.

A implementação de tecnologias verdes de produção já faz parte da realidade de muitas empresas, dos mais diferentes segmentos. Tal fato tornou-se uma exigência para a própria expansão e, até mesmo, a continuidade dos negócios, o que pode ser verificado em muitos processos de financiamentos junto a órgãos governamentais que apenas concedem o crédito a empresas que estejam em situação regular nas agências ambientais. As próprias agroindústrias e demais empresas agrícolas muitas vezes têm de comprovar a averbação de reservas ambientais legais em sua área de propriedade para que possam ter acesso a empréstimos rurais.

Os próprios sistemas de certificação das séries ISO 14000 e ISO 26000 (este ainda em processo de estudo para implantação) atestam a importância da questão ambiental no processo produtivo e constituem condições essenciais para que uma empresa possa se tornar fornecedora para grandes empresas ou até mesmo para o setor público.

Muitas evoluções ainda deverão ocorrer para que a gestão ambiental obtenha mais notoriedade em todos os setores e segmentos econômicos, porém o que se deve ressaltar são as mudanças de paradigmas com relação à questão do meio ambiente e de sua importância para se atingir o desenvolvimento sustentável. Para isso ferramentas baseadas nas teorias econômicas e administrativas deverão ser teorizadas, adaptadas e implementadas para que estes objetivos possam ser atingidos.

Referências Bibliográficas

ANDREOLI, Cleverson V. Gestão ambiental. In: FAE Centro Universitário. **Coleção Gestão Empresarial**. Curitiba, 2009. p. 61 – 70. Disponível em <http://www.fae.edu/publicacoes/pdf/empresarial/6.pdf>. Acesso em 29 maio 2010.

CÉSAR, Rogério. **A economia e o meio ambiente**,

2008. 23 slides. Nivelamento do PRODEMA: Macroeconomia.

CHEN, Chia-Hui. Chap 16: Why markets fail? In: _____ . **Principles of microeconomics**. Massachusetts: MIT, 2007. Disponível em <<http://ocw.mit.edu>> . Acesso em: 31 dez 2008.

COMUNE, Antônio Evaldo. Meio ambiente, economia e economistas: uma breve discussão. In: MAY, Peter Herman; MOTTA, Ronaldo Serôa da (org.). **Valorando a natureza: análise econômica para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Campus, 1993. p. 45-59.

DONAIRE, Denis. **Gestão ambiental na empresa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GARÓFALO, Gílson de Lima. Considerações sobre a microeconomia. In: PINHO, Diva Benevides; VASCONCELLOS, Marco A. Sandoval de. **Manual de economia: equipe de professores da USP**. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Técnicas de pesquisa em economia**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GONÇALVES, Gabrielle Leonel. **Economia e meio ambiente: a valoração econômica e sua contribuição para o desenvolvimento sustentável**. 2006. 54 f. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas). Faculdade Cenecista de Varginha, Varginha, 2006.

HANLEY, Nick; SPASH, Clive L. **Cost – benefit analysis and the environment**. England: Edward Elgar, 1993.

MACEDO, Zilton Luiz. Os limites da economia na gestão ambiental. **Margem**, nº 15, p. 203–222 junho/2002. Disponível em <http://www.pucsp.br/margem/pdf/m15zlm.pdf>. Acesso em 29 maio 2010.

MANSFIELD, Edwin; YOHE, Gary. **Microeconomia**. 11 ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

MOTTA, Ronaldo Serôa da. Análise de custo-benefício do meio ambiente. In: MARGULLIS, Sérgio (org.). **Meio ambiente: aspectos técnicos e econômicos**. Rio de Janeiro: IPEA, 1990. p. 109-134.

_____. **Economia ambiental**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MUNHOZ, Dércio Garcia. **Economia aplicada: técnicas de pesquisa e análise econômica**. Brasília: UnB, 1989.

NOGUEIRA, Jorge Madeira; MEDEIROS, Marcelino Antônio Asano de; ARRUDA, Flávia Silva Tavares de. Valoração econômica do meio ambiente: ciência ou empirismo? In: REUNIÃO ANUAL DA

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA (SBPC), 50, 1998, Natal. **Anais eletrônicos** ... Brasília. Disponível em: <<http://www.unb.br>>. Acesso em: 08 mar. 2007.

PINDYCK, Robert S; RUBINFELD, Daniel L. **Microeconomia**. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

ROSSETTI, José Paschoal. **Introdução à economia**. 20 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

SEIFFERT, Nelson Frederico. **Uma contribuição ao processo de otimização do uso dos recursos ambientais em microbacias hidrográficas**. 1996. 150 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Centro Tecnológico da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de; GARCIA, Manuel Enriquez. **Fundamentos de Economia**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.